

# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**Coelho, José Maria Latino (Lisboa, 1825-Sintra 1891)**

General da brigada do Estado Maior de engenharia, ministro da marinha, lente na Escola Politécnica, vogal do Conselho Geral de Instrução Pública, deputado, par do reino, jornalista e escritor. Nasceu em Lisboa em 29 de Novembro de 1825, faleceu em Sintra, em 29 de Agosto de 1891. Seu pai, igualmente militar, quando tenente coronel, emigrou para Espanha devido à sua ideologia liberal e só em 1834 se estabeleceu em Lisboa. Latino Coelho estudou francês, inglês e rudimentos de Matemática e de outras ciências exactas. Em 1837 inicia estudos de latim no Liceu Nacional de Lisboa e em 1838, estudou Lógica e língua grega. Tendo concluído os preparatórios Latino Coelho matriculou-se, muito jovem, no primeiro ano da Escola Politécnica. Daí passou à Escola do Exército onde seguiu o curso de Engenharia Militar. Assentou praça em infantaria n.º 16 em 14 de Novembro de 1843, sendo, pouco depois nomeado alferes aluno do mesmo regimento. Foi promovido a alferes em 12 de Dezembro de 1848, a tenente a 14 de Julho de 1851, passando à arma de engenharia, no posto de coronel em 29 de Maio de 1878 e a general de brigada em 19 de Setembro de 1888. Em 1851, então tenente, depois dum bem sucedido concurso, foi nomeado lente substituto da cadeira de Mineralogia e Geologia na Escola Politécnica. Latino Coelho filiou-se no Partido Regenerador e foi eleito deputado, por Lisboa, nas eleições de 1854, tornando a ser deputado, por diversas vezes (1857, 1860, 1862, entre outras, para ainda ser eleito como candidato republicano em 1889 e 1890)

Salientando-se como distinto jornalista, carreira que encetara em 1849, estreou-se na *Revolução de Setembro* escrevendo uma série de artigos sobre as questões que agitavam então a Europa e sobre as diferentes etapas que marcaram a evolução das ideias democráticas, de que era adepto. Como activo colaborador de *A Revolução*, combateu o governo de então com o maior vigor. Durante algum tempo foi, igualmente, redactor principal dum jornal ligado ao seu pendor político - *A Emancipação*. Em 1851 fundou *A Semana*, jornal literário, colaborado por salientes escritores da época. Alguns dos seus melhores artigos foram dedicados a figuras eminentes das letras. Já, anteriormente, escrevera muitas biografias e uma colecção de *tipos nacionais* na *Revista Peninsular*.

No *Panorama* publicou uma minuciosa e extensa biografia de Almeida Garrett. Colaborou, igualmente, na *Época*, *Pharol*, *Civilização Popular*, *Discussão*, *Política Liberal*, *Jornal do Comércio*, *Democracia*,



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

distinguindo-se pela elegância do seu estilo e pelo vigor com que dissertava sobre os mais diversos temas. Escreveu, em língua espanhola, a biografia de Almeida Garrett, que foi publicada na *Revista Peninsular*. Eram escassos os jornais literários desse tempo que não tivessem a sua colaboração. Foi director do *Diário de Lisboa* ao tempo da nova organização dada, em 1859, àquela folha oficial do governo. No *Século* escreveu, por muito tempo, o artigo editorial.

A Academia Real das Ciências aceitou-o como seu sócio efectivo e, pouco tempo depois foi, por votação unânime, nomeado, em 1856, secretário da mesma academia, sendo mais tarde nomeado a título perpétuo. A mesma Academia incumbiu-o de dirigir o *Dicionário da língua portuguesa*, de acordo os subsídios de Ramalho, legados a Alexandre Herculano e, pelo falecido historiador, vendido àquela corporação.

Latino Coelho foi par do Reino e ministro da Marinha desde Julho de 1868 até Agosto de 1869. Exerceu diversas comissões, como a encarregada da reforma da Academia das Belas Artes de Lisboa. Afastando-se do Partido Regenerador, aproximou-se sucessivamente dos históricos (1861-63) e do Partido Reformista - chegou a ser Ministro da Marinha no governo de Sá da Bandeira e do Bipo de Viseu (1868-69) - , para posteriormente abraçar os ideais republicanos, persuadido do que aí residiam seguras garantias ao direito de cidadania, nas suas múltiplas manifestações. Estivera ainda ligado ao “Clube dos Lunáticos”, desiludidos com os partidos tradicionais do rotativismo. Durante a experiência da I República espanhola (1873-74), ligou-se ao grupo republicano dos democratas (Oliveira Marreca, Sousa Brandão, e Bernardino Pinheiro, entre outros), e foi co-redactor, juntamente com Elias Garcia, do programa republicano publicado no periódico *A Democracia* (12 de Outubro de 1873). Esteve pois ligado ao Centro Republicano Democrático, que abandonou em 1878. E em 1883 integrava o directório do Partido Republicano. Nas assembleias políticas, usava da palavra com toda a correcção e dignidade, criticando, sem perder a postura nobre que era uma das virtudes salientes do seu carácter. Respeitado por todos os partidos da época no âmbito do regime monárquico que ele combateu, contava verdadeiros admiradores que faziam justiça às suas qualidades humanas e intelectuais. Latino Coelho foi comendador da ordem de Cristo, grã-cruz da Torre e Espada e de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição.

Na sua vasta obra ressaltam numerosos artigos nas revistas já mencionadas numa demonstração do seu pendor de jornalista e muitos estudos publicados nas Memórias da Academia. No ano de 1852 publicou-se uma memória de D. Sinibaldo de Más, antigo embaixador de Espanha no império da China, em favor da união pacífica de Espanha e Portugal , a *Memoria escrita em língua hespanhola por um philo-portuguez e traduzida na língua portugueza por um philo-iberico*, Lisboa, 1852. O prólogo anónimo desse estudo era da autoria Latino Coelho, então adepto da união ibérica sob a forma de um estado unitário e monárquico. Em 1859 prefaciou uma outra obra iberista, *A União Ibérica*, esta da autoria do federalista Xisto Câmara, um democrata radical que se exilara em Lisboa. Numa sessão da Câmara dos Pares (1869) em que foi muito criticado, Latino Coelho viria contudo a abjurar desse ideal de juventude numa intervenção na câmara dos pares, em 1869, quando era ministro de marinha. Em 1853, no *Portugal Artístico*, escreveu a maior parte dos artigos que acompanham as respectivas gravuras, escritos em francês e em português.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Muitos elogios históricos se devem à sua pena como a de D. Frei Francisco de S. Luis, Rodrigo da Fonseca Magalhães e José Bonifácio de Andrade e Silva. No *Panorama* publicou outra biografia de Almeida Garrett. Em boa parte da sua extensa obra, dispersa em livros e artigos ressalta, naturalmente, a ideologia de um espírito avançado que, na implantação de um regime republicano, situava a sua luta pela imposição de direitos de cidadania.

A obra que mais o consagrou e que é, hoje, uma fonte importante sobretudo pelo seu valor informativo para o estudo do pré-liberalismo português é, sem dúvida, a sua *Historia Política e Militar de Portugal desde os fins do seculo XVIII até 1814*, tomo I, 1874; publicaram-se, depois, mais dois volumes. Admitido num concurso promovido pelo poder político, o Autor foi oficialmente encarregado pelo Ministro da Guerra de escrever essa obra, com a intenção de “coligir os ditados e exemplos do esforço colectivo defensivo” (vol.I, p.XXI), o que revela bem a preocupação de dar a conhecer não apenas exemplos de vontade individual mas dinâmicas colectivas de afirmação daquilo que na época se designava de carácter nacional. Os dois primeiros volumes são dedicados à situação política e social do país tendo em conta a situação interna e as relações internacionais. No terceiro, o enfoque é mais dirigido para os acontecimentos ligados à Guerra Peninsular, numa narração minuciosa em que se articulam acontecimentos políticos e sucessos militares. A informação foi largamente colhida em fontes colhidas nos arquivos dos ministérios dos Negócios Estrangeiros, da Marinha, do antigo Ministério da Guerra, Ministério do Reino, ANTT (sobretudo papéis da Intendência da Polícia e da Inquisição), Academia Real das Ciências e Biblioteca Nacional. Na introdução o autor exprime um conceito racionalista de história assente em “severas leis da indução e da crítica experimental” e chega a considerá-la uma ciência natural (vol.I, p.XXVII). Compreende-se pois que se reclame de imparcialidade, “sem falso patriotismo”. No entanto não deixava de mas reclamar para Portugal as suas “legítimas glórias”, não raro esquecidas pelos historiadores britânicos. Em Latino Coelho, o conceito de história-ciência então em voga na historiografia europeia (caso de Fustel de Coulanges, em França), convive a ideia clássica ciceroniana de história mestra da vida, adoptada num sentido também prospectivo de aprendizagem com os exemplos morais e com os erros do passado para o bem colectivo. Nesta obra domina pois uma dimensão narrativa. Note-se ainda o eclectismo da concepção de história do Autor em que com o tópico história-ciência convive uma noção abstracta de Providência entendida como princípio de unidade. E, por outro lado, o modo como recebe, na sua época, o legado do século XVIII. Não por acaso o Autor dedicou também um estudo ao Marquês de Pombal, em que o considera um precursor do liberalismo e da democracia, um homem novo, promovido pelo mérito (*O Marquês de Pombal*, parte I, p.7 e p.126). O campo republicano glosou tais raízes de modo especial.

Outros estudos elaborou os quais, sendo de menor vulto não deixam de o destacar entre os historiadores do século XIX. A título de exemplo, as biografias de Camões, de Vasco da Gama. Nestas duas figuras históricas, Latino Coelho via idealmente dois “cidadãos da humanidade” (*Vasco da Gama*, vol.I, p.21). Um ideal ecuménico de fraternidade e união entre os povos prepassa nestas obras do Autor, não alheio ao republicanismo a que aderiu. E talvez por isso privilegiou aquelas personalidades históricas no



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

seu projecto da “Galeria de varões ilustres de Portugal” a publicar por David Corazzi. Tratava-se de difundir o culto de heróis e benfeitores da humanidade que se tinham destacado em múltiplos domínios. Uma evidente marca positivista está presente neste projecto, também quando pretende explicar o destino nacional invocando uma “lei fatal e necessária” segundo a qual os povos que vivem em estreitas orlas marítimas se tornam “aventureiros destemidos (caso dos Fenícios, dos Portugueses ou dos Holandeses)” (*Vasco da Gama*, p.72). Mas para além disso, note-se um nacionalismo cultural enraizado na história nacional, de resistência a ameaças externas. E uma marca doutrinária bem evidente na interpretação que desenvolve d’*Os Lusíadas*: um dos aspectos que considera mais relevantes no poema é a apologia do povo e a crítica social aos monarcas e aos altos dignitários do século XVI (*Luiz de Camões*, 1880, pp174-175).. Situamo-lo, ainda, como tradutor de peças de teatro francesas de um autor então muito em voga: Sardou. É o caso da comédia em 5 actos, *Les vieux garçons*, com o título de *Solteirões*, que se representou nos teatros do Príncipe Real e D. Maria II e, bem assim, a comédia em 4 actos, *Les Ganaches*, do mesmo autor, com o título *Caturras*, que foi representada no teatro de D. Maria II. No dia 11 de Dezembro de 1898 realizou-se, na Academia Real das Ciências, uma sessão solene, em que se fez o elogio histórico de Latino Coelho e em que discursaram Tomás Ribeiro e Sousa Monteiro. Assistiram a essa homenagem o rei D. Carlos, a rainha D. Amélia e o infante D. Afonso.

**Bibliografia activa:** *Historia Política e Militar de Portugal desde os fins do seculo XVIII até 1814*, 3 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1874-1891; *O sonho de um rei*, Coimbra, 1879; *Fernão de Magalhães* (pref. de Júlio Dantas), Lisboa, Santos e Vieira, s.d.; Id., *Luís de Camões*, Lisboa, David Corazzi Ed., 1880; *Panegírico de Luís de Camões lido na sessão solene da Academia Real das Ciências de Lisboa em 9 de Junho de 1880*, Lisboa, Tip. da Academia, 1880. Id., *Galeria de varões ilustres de Portugal por...*, s.l., Tip. das Horas Românticas, s.d.; Id., *Vasco da Gama*, 2 vols, Lisboa, David Corazzi Ed., 1882; Id., *Literatura e história* (pref. de Fidelino de Figueiredo), Lisboa, Emp. Literária Fluminense/ Porto, Tip. da Imp. Portuguesa, 1925; Id., *O Marquês de Pombal. Obra comemorativa do centenário da sua morte mandada publicar pelo Club de Regatas Guanabareense do Rio de Janeiro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.

**Bibliografia passiva:** Catroga, Fernando *O republicanismo em Portugal da formação ao 5 de Outubro*, 2 vols., Coimbra, Faculdade de Letras, 1991; Coelho, José Maria Latino *Dicionário de História de Portugal* (Direcção de Joel Serrão) “José Maria Latino Coelho”, vol. I. Lisboa, Iniciativas Editoriais, p. 605, 1963.; Latino Coelho, José Maria *Dicionário Historico, Chorographico, Biographico, Bibliographico, Heraldico, Numismatico e Artistico* (dir. de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues), vol. IV, Lisboa, José Romano Torres, editores, pp. 83-85, 1909; *Enciclopédia Portuguesa Ilustrada* (dir. de Maximiano de Lemos) “José Maria Latino Coelho”, vol. 6, Porto, Lemos e Sucessor, pp. 351-352, s.d.; Matos, Sérgio Campos, *Historiografia e memória nacional no Portugal oitocentista (1846-1898)*, Lisboa, Edições Colibri, 1998; Moreira, Fernando, “Coelho, José Maria Latino”, *Dicionário biográfico parlamentar 1834-1910* (coorden. de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

M. Filomena Mónica), vol.I, Lisboa, Assembleia da República/ Ed. Afrontamento, 2004, pp.803-805. Vicente, António Pedro, “Militares que foram historiadores” in *Portugal Militar. Da Regeneração à paz de Versalles*, XIII Colóquio de História Militar, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, Palácio da Independência, 2003, pp. 111-113.

António Pedro Vicente



APOIOS:

